

1995 – REVISTA/MAGAZINE – PÚBLICO MAGAZINE

Participação no número 296 da revista Público Magazine matéria com título: “Reconstrução de Angola já começou – O exemplo de Vieira da Costa”, pp. 24-28, 12 de Novembro de 1995

Participation in No. 296 of the magazine Público Magazine with a issue titled: "Reconstruction of Angola has begun - The example of Vieira da Costa", pp. 24-28, 12 November 1995

magazine



Nº 296 | 12.11.95

Maus tratos

Violência e uma cabana

Independências

O português mais antigo de Angola

Edifício do Quinaxixe, em Luanda, no lugar da lagoa do mesmo nome onde ainda no século passado se faziam esperas aos leões. À direita, uma das últimas fotografias do arquitecto Vasco Vieira da Costa





Reconstrução de Angola já começou

O exemplo de Vieira da Costa

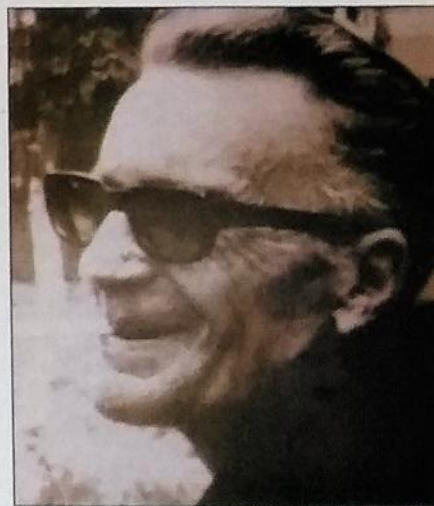
Vinte anos após a independência,
as cidades de Angola estão em ruínas.

Mas há quem, entre os escombros,
acredite na reconstrução. Maria João

Teles Grilo é uma dessas pessoas.

E enquanto prepara uma exposição

sobre Vasco Vieira
da Costa, o maior nome
da arquitectura
angolana, ela própria se
esforça por colocar em
prática os ensinamentos
do mestre.

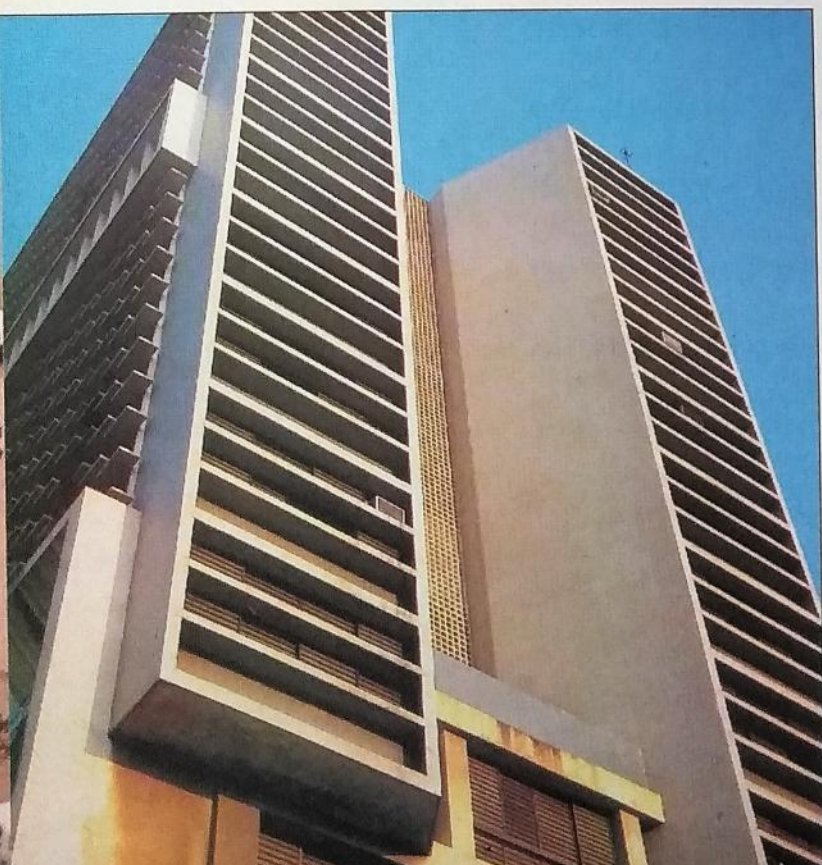


Texto
José Eduardo Agualusa

Fotografias
Paulo Robalo e Maria João Teles Grilo



**Laboratório de Engenharia de Angola
e actual Ministério das Obras Públicas**



Poucas pessoas em Luanda sabem quem foi Vasco Vieira da Costa. Mas não há nenhum luandense que não consiga identificar o edifício do Quinaxixe, onde outrora ficava a lagoa do mesmo nome e ainda no século passado se faziam esperas aos leões. Quem quer que visite a capital de Angola há-de reparar também nas linhas surpreendentemente modernas do actual Ministério das Obras Públicas ou do belo edifício do Laboratório de Engenharia. Todos estes projectos têm a assinatura de Vieira da Costa.

Nascido em Aveiro em 1911, Vasco Vieira da Costa estudou arquitectura no Porto e em Paris, onde, entre 1947 e 1948, trabalhou com Le Corbusier. Antes disso já vivia em Angola, e para lá regressou, renunciando a uma carreira brilhante no centro do mundo. Naturalizado angolano após a independência, Vieira da Costa foi nomeado em 1979 director da Faculdade de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, cargo que exerceu até à sua morte, três anos mais tarde.

Num país onde as cidades foram quase totalmente arrasadas por uma guerra absurda e vinte anos de administração ruínosa, são tantas as questões que se colocam quando se pensa nas tarefas da reconstrução que se torna difícil definir estratégias e prioridades. A obra de Vieira da Costa oferece resposta a muitas destas questões. É por acreditar nisto que a angolana Maria João Teles Grilo, 35 anos, licenciada em arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), quer ver recuperada a memória do arquitecto: "Conheci o Vasco Vieira da Costa em Luanda, em 1979", explica, "Ele era um homem fascinante, inteligente, e no entanto sem protagonismo pessoal. Ensinou-me a grande responsabilidade social da arquitectura. Vieira da Costa achava absurdo que um desenho fosse um gesto gratuito, reduzido a uma simples proposta formal."

Maria João vem trabalhando nos últimos dois anos no projecto de uma grande exposição sobre a obra do mestre. "Este projecto constitui hoje uma acusação. Acusação de todo um país que não quer renunciar à condição humana, apesar da indiferença e do esquecimento. A obra de Vieira da Costa é uma afirmação de beleza; como se aqui, onde a ciência e a tecnologia são puro sonho, nada parecesse mais possível, nada fosse mais natural do que a Utopia." A exposição, que chegou a estar agendada para inaugurar o eternamente adiado Centro Cultural Português em Luanda, nos vinte anos da independência de Angola, pretende ser ainda uma manifestação de vitalidade — a demonstração de "que Luanda não é apenas um lugar onde se produz miséria. E isto parece-me particularmente importante num momento em que os angolanos estão tão magoados com o país e as suas cidades. É preciso devolver este arquitecto a Luanda".

A principal característica dos edifícios desenhados por Vieira da Costa é a sua adaptação ao ambiente. São prédios que se integram harmoniosamente no meio, explorando a seu favor as condições geográficas e climáticas. "Não é possível tirar nem acrescentar nada a estes edifícios", diz Maria João. "São projectos que souberam interpretar o lugar, resgatando a sua condição geográfica. Depois, há o conforto que se sente quando se percorre um edifício de Vieira da Costa. A frescura dos lugares, o rigor do desenho, a inteligência da forma."

A arquitectura integrada de Vieira da Costa precedeu em alguns anos as mais modernas propostas no mesmo sentido e continua actual. Vieira da Costa terá sido, considera Maria João, o primeiro angolano a desenvolver uma arquitectura nacionalista, "através da qual desafiava o poder colonial". Ensinar ● ● ●

GOSTAR

*Gostar é muito mais do que dar carinho.
É estar consciente de que a nossa vida pode ser ainda
mais preciosa para os outros.*

É NUNCA

*Foi a pensar nisso que foi criado o Vida com Valor Bonança.
Um Seguro de Vida onde pode optar pela modalidade
que mais lhe convém.*

SE ESQUECER

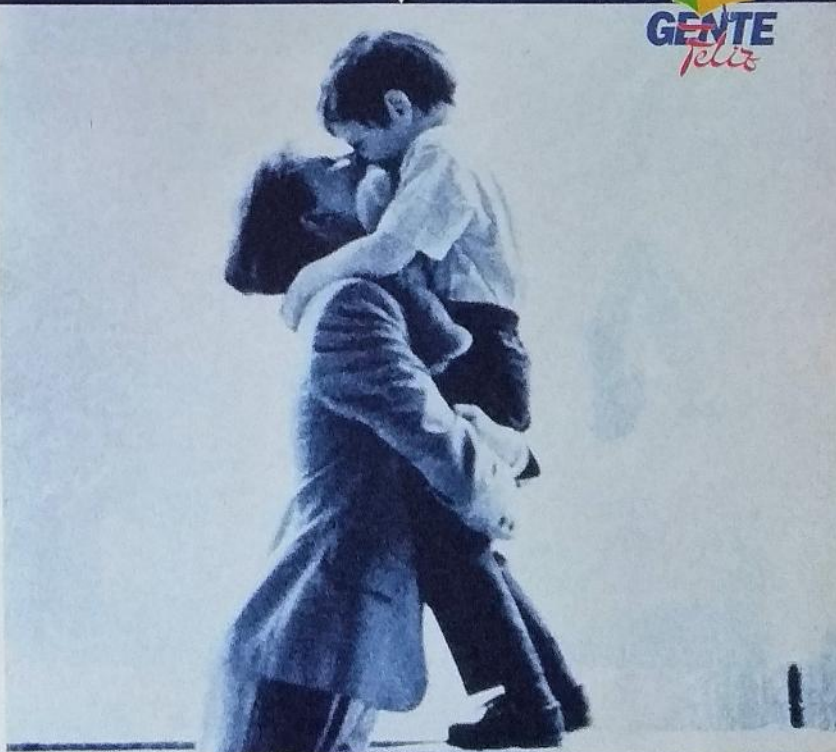
*Por exemplo, com um prémio de menos de 1300 escudos por mês,
você garante uma protecção familiar de 5000 contos
em caso de morte ou invalidez permanente.*

DOS QUE

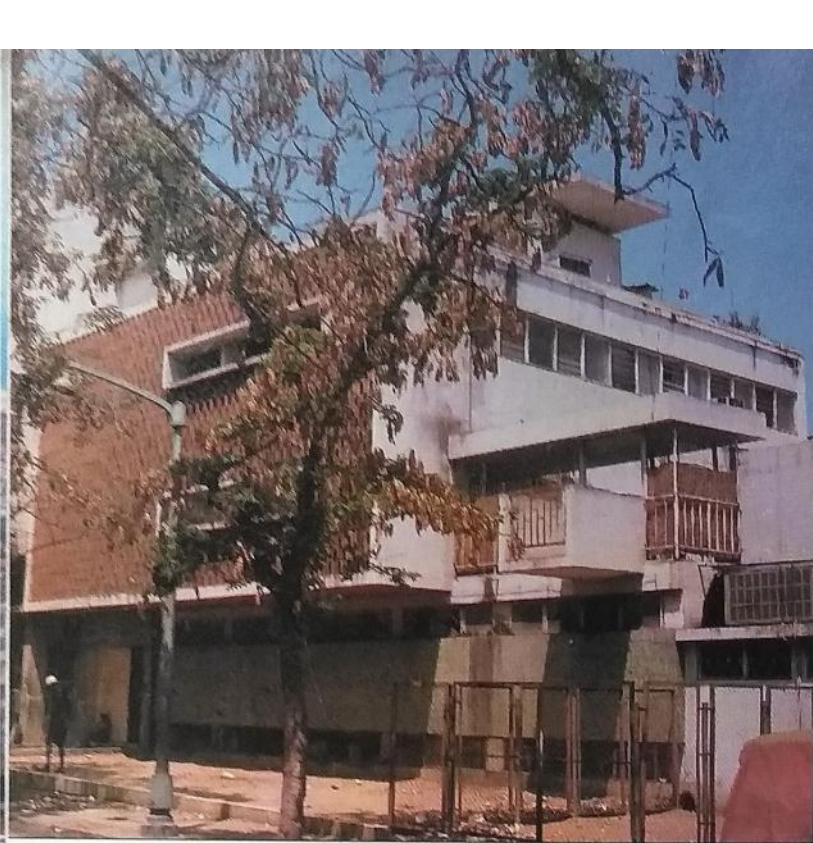
*Sabemos que não é agradável falar neste assunto.
Mas lembre-se que gostar é nunca se esquecer
dos que dependem de si.*

DEPENDEM DE SI.

FAÇA UM SEGURO DE VIDA BONANÇA
EM NOME DOS QUE DEPENDEM DE SI.



bonançaVIDA
Experiência com VIDA



Edifício da Diamang, bloco habitacional dos servidores do Estado, e uma fotografia antiga do arquitecto Vieira da Costa

Hoje em Luanda a maior parte dos edifícios, inclusive prédios classificados como património histórico, estão hoje quase em ruínas.



... era para o antigo discípulo de Le Corbusier uma outra maneira de combater o colonialismo: “O ensino”, explicava, “é parte da luta contra a dependência”.

É difícil, para quem quer que tenha conhecido Luanda no esplendor colonial, enfrentar sem desespero o actual estado da cidade. A maior parte dos edifícios, inclusive prédios classificados como património histórico — por exemplo, o famoso Palácio de Dona Ana Joaquina —, estão hoje quase em ruínas. A este respeito, vale a pena recordar que quando, na década de 80, uma companhia petrolífera francesa apresentou um projecto para a recuperação do palácio, pedindo como contrapartida o aluguer de uma parte do mesmo para instalação dos seus escritórios, o Governo angolano recusou alegando não poder “alienar o património nacional”. Já nessa altura o belo e antigo edifício se encontrava ilegalmente ocupado por emigrantes de origem zairense, e assim continua hoje; entretanto, há quem fale em transformá-lo num grande centro comercial!

Em pleno Largo do Quinaxixe, a antiga lagoa ressurgiu e ameaça engolir os outrora burgueses apartamentos que os portugueses ali construíram. O abastecimento de água, que desde a fundação da cidade, há mais de quatrocentos anos, foi sempre um problema (a capital de Angola não tem rios), regrediu um século. Como reconhecia um dos candidatos presidenciais, em 1992, durante a campanha eleitoral, há jovens em Luanda que não sabem para que serve uma torneira.

Todos estes problemas têm levado urbanistas e responsáveis políticos, entre os quais o arquitecto luso-angolano Troufa-Real, a sugerir a construção de uma nova cidade destinada a ser, à semelhança de Brasília, o centro político e administrativo do país. Um antigo governador de Luanda, apoiado por uma boa parte da burguesia dependente do aparelho de Estado, chegou mesmo a encomendar um estudo para a criação de uma Luanda Nova, conjunto de urbanizações de luxo protegidas da fúria e do caos. A todas estas teses responde Maria João com o argumento da história: “Luanda é uma cidade com enorme carisma, uma cidade sincrética, que vive embalada atrás de um grande sorriso crioulo. Uma cidade com uma memória fascinante e um imaginário tão rico não pode ser simplesmente abandonada.”

Embora radicada em Portugal, Maria João trabalha actualmente num projecto para a reconstrução de um centro comercial na baixa luandense, e não tenciona cruzar os braços: “Somos nós, angolanos, quem deve proceder à reconstrução das cidades, digerindo os acontecimentos trágicos dos últimos anos.” Filha de um conhecido engenheiro civil, natural do Lubango, responsável pela construção de um dos ex-libris de Angola — a serpenteante estrada da Serra da Leba —, Maria João está habituada a enfrentar desafios. A velha cidade de São Paulo da Assunção de Luanda bem precisa de exemplos como o dela. ●